

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO.

2.^a SÉRIE. — AGOSTO DE 1872. — N.º 2.

PORTO ALEGRE.

TYPOGRAPHIA DA REFORMA. — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N. 51.
1872.

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos,
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DE MEZ.

Francisco J. de Sá Brito.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.





Este Impo. E. R. de 1850

A. L. Marques

AFFONSO LUIZ MARQUES. (*)

« Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio n'um leito de cal ;— foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias. »

DR. FELIX DA CUNHA.

Paguemos-lhe o ultimo tributo trasladando o seu precioso retrato para esta galeria mais dos mortos que dos vivos.

Chegou a sua vez, assim aprouve á Providencia e ahi tendes o busto de Affonso Marques.

Orvalhae-o de lagrimas vós todos que conhecestes a sua imagem insinuante e sympatica ; pague em prantos e saudades a memoria eterna d'essa creatura sublime tão em verdes annos tombada no leito mortuario.

Pranteemos a sua morte prematura, porque não perdemos só um amigo e um irmão, perdeu o paiz um vulto talhado para os mais grandiosos e arrojados commettimentos do espirito humano !

Pranteemos a sua auzencia irreparavel, porque não foi só a tribuna do Parthenon que perdeu um grande orador, a tribuna brasileira perdeu n'elle um Mirabeau ou um Massilon !

(*) Acha-se incumbido de escrever a biographia do nosso chorado amigo, o Sr. Appolinario Porto-Alegre. Breve começaremos a publical-a.

Quem não pasmou diante da eloquencia de Affonso Marques, se elle possuia o condão de incantar os auditorios?... Quando levantava-se para fallar, calmo e magestoso, o seu gesto impunha silencio, a sua palavra irrompendo caudal como as lavas de um volcão era uma centelha electrica que fazia vibrar uma por uma todas as fibras da alma!

Era na tribuna que mais se manifestava a sua imaginação arrojada e opulenta. Tiuha momentos admiraveis, assombrosos; momentos em que a phrase vehemente e inflammada tocava as eminencias do sublime!

E morrer tão cedo!

Morrer quando o sol dos triumphos doirava-lhe a estrada do futuro e o marco final ainda estava bem longe!

Morrer bradando como Chénier: *Pourtant, j'avais quelque chose de!*...

O dia 9 de Agosto deve ser uma data; hem dolorosa para a provincia. Dia aziago, em que o povo da capital debruçou a fronte contristada e as lagrimas cavaram fundo sulco em todas as faces!

Dia lutuoso, em que não houve coração que se não commovesse diante de tamanha calamidade!

A propria natureza parecia recolhida quando o funebre prestito rendia a derradeira homenagem áquella existencia infausta. A natureza mesma soluçava talvez uma nenia, o céu tinha um sorriso melancolico e triste e as brisas que passavam nos seus cabellos ciciavam um gemido agonisante!

Pobre Affonso!

Não ha desafogo, nem balsamo que suavise o golpe profundo que a mão selvagem da fatalidade desferiu em tantos peitos.

Parece ainda um sonho, dir-se-hia uma mentira que não lhe escutemos mais a voz sympathica, não lhe apertemos mais a mão leal, não lhe vejamos aquelle riso sempre franco e affectuoso!

Ai! mas a verdade surgê atrophando-nos o espirito, a verdade acerca-se de nós, enluta-nos e os dobres plangentes do enterro repercutem em cada dia que avançamos!

Ha momentos de viva dôr e inconsolaveis amarguras:— E' quando o genio na ante-manhã da vida decae do pedestal da gloria no fundo do tumulo, e a fronte que relampeava fagulhas sidereas pende gelida e macilenta!

Ah! Deus de misericordia! Porque entre a morte e elle não estavas tu para quebrar a foice inexoravel que devia aniquilar uma existencia tão preciosa?

Porque tua face divina não se voltou contristada no momento, em que vinte e quatro primaveras iam desfolhar-se no caminho poeirento do cemiterio?

Porque não enfreieste o corcel medonho da morte, se na carreira desatinada ia esmagar uma cabeça, que valia um resplendor?

Porque não amparaste a quêda de um anjo, que desatava as pandas azas pelos plainos azulados do amor, dedilhando em lyra d'ouro os canticos ungidos de esperanza e mocidade?

Porque não detiveste a lufada iracunda que foi desabar o tecto

suavissimo, onde sò moravam mãi e filho : Ella— amphora do mais enternecido amor ; elle— a sua unica alegria, o seu unico amparo e conforto, o côfre dos ternissimos anhelos ?!

Porque não paraste a nuvem negra da eternidade, que devia obumbrar o astro fulgido a sobrenadar em luzes no vestibulo do Pantheon brasileiro ?!

.....
Mas porque choral-o ?

Não é por ventura esta vida o começo de uma outra que nos aproxima mais de Deus ? Sim.

E' além-tumulo o paraizo, onde se estanca o suor do sublime cansaço e a fronte entristecida na terra sacode a corôa d'espinhos para cingir uma auréola.

E' no céu que começa a justiça de Deus para ao depois a injustiça dos homens se transformar em gratidão, o esquecimento em culto, o humilde epitaphio em monumento, um nome n'essas apotheoses que perpassam de geração em geração na aza dos seculos !

Padarios lutuosos os d'aquelles que trazem do berço uma missão providencial.

Mal transpõem o lumiar do mundo sentem as tristezas do exilado, o coração ternissimo recolhe-se para o sacrario das resignações ; o espirito sobre-humano invoca a Providencia nos instantes de suprema luta e provações !

Descansaste pois, Affonso !

A tua alma esvoaçou para o infinito, o teu espirito desprendeuse da materia e remontou ás espheras empyreas !

Tua existencia foi curta, porém tua memoria será infinda, porque na tua ephemera peregrinação sobre este val de lagrimas deixaste um rasto luminoso como esses meteoros brilhantes que espadanam catadupas de luzes.

A tua intelligencia— ha de ser o teu monumento !

O teu nome— a nossa saudade !

Porto Alegre, Agosto de 1872.

HILARIO RIBEIRO.

A RELIGIÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS. (*)

III.

Ha dezenove seculos que em um canto obscuro do imperio romano nasceu uma religião, que avassalou mais tarde o grande colosso, sobreviveu á elle e existe ainda hoje.

Essa religião é o Christianismo.

Não cabe nos limites deste escripto uma analyse sincera e desapassionada dos bens e dos males que d'essa crença religiosa vieram á civilisação actual.

Foi modã por muito tempo attribuir ao Christianismo o progresso, de que hoje desfructam os povos cultos. Alguns rapsodistas ainda consideram um passo obrigado decantar o sacrificio do Golgotha e preconisar a *redempção* que d'ahi veio á misera humanidade. Esses elogios interessados, ingenuos ou nescios esquecem de dizer-nos claramente como a cousa se fez ; pois dos observadores sinceros e despreocupados apparece o Christianismo, tal como tem sido interpretado nos dezenove seculos de sua existencia, como o inimigo encarniçado e tenaz dos agentes d'este mesmo progresso.

A humanidade não deve á Igreja o menor passo nas sciencias, nas artes, na riqueza publica e no desenvolvimento da força social. Ao contrario ella se tem esforçado, por todos os meios, crueis ou astutos, em perpetuar a ignorancia, a miseria, a dependencia e a escravidão dos seus sectarios.

Na ordem scientifica a Igreja não admite a razão livre, porque submete o pensamento e a consciencia dos seus fieis á autoridade infallivel de seu chefe supremo.

Na ordem moral não ha outros impulsos de nossa alma á obedecer que não sejam os consagrados nos livros divinos, chamados Evangelhos.

Na ordem social ella condemna a liberdade e a igualdade, defendendo as castas e os privilegios, á exemplo da sua organisação hierarchica e despotica.

O justo, o verdadeiro, o bello, esses ideaes indeleveis do nosso ser não devem, segundo a Igreja, ter outra irradiação senão a que marcar o circulo da sua disciplina.

Dentro d'esta estrutura de ferro conteve por muito tempo a Igreja a humanidade, esforçando-se por afogar em ondas de sangue as irrupções do espirito. Milhões de victimas, milhões de riquezas malbaratou ella no seu insensato empenho. E ao cabo d'essa esteira pavorosa de ruinas, de desolações, de horrores sem conta e sem qualificação, achou-se vencida e condemnada, esquecida á um lado do caminho,

(*) Vide o 1.º n. da REVISTA.

como um obstaculo outr'ora perigoso e intransferivel, hoje impotente para deter a marcha da humanidade.

O Christianismo, desde que conseguiu apoiar-se no braço do Estado, não tem tido outra missão senão embrutecer e subjugar os povos em seu proveito e no dos potentados á quem se alliou.

Ahi está a historia para attestar que essa seita religiosa não tem sido outra cousa senão uma theocracia audaz, lutando de força, de astucia, e de crimes com os reis, para absorver-lhes o poder e constituir-se uma potencia universal, ou quando este sonho de ambição se distanciava no horisonte de suas esperanças submeter-se á esses mesmos potentados e partilhar com elles o despojo dos povos, aos quaes ella chama com muita propriedade— o rebanho, as ovelhas da Igreja.

A enormidade dos seus crimes e infamias tendo attingido ao que ha de mais inaudito, uma grande parte da Europa levantou-se fremente de indignação e de colera e proclamou a reforma.

Reformou-se o Christianismo, depois de longas e encarniçadas guerras, escapando ao dominio de Roma quasi todos os povos de origem germanica e slava.

Os povos da raça latina ainda gemem sob esse jugo degradante, prestes comtudo á uma emancipação completa, que não tardará muito.

A reforma melhorou consideravelmente a condição dos povos que a adoptaram. Confundido o chefe da religião com o chefe da nação, deixou desde logo aquella de ser um interesse antagonico e hostil á sociedade civil. Os soberanos, chefes ao mesmo tempo do corpo sacerdotal de seus estados, não tiveram desde logo obstaculos a vencer, pois que os ministros do culto passaram a ser funcionarios, unicamente dependentes do rei e por conseguinte adstrictos á sua influencia. Tornaram-se, como era natural, instrumentos do despotismo civil ou temporal; mas alliviaram os povos do consideravel peso do fanatismo e de mil abusões e patranhas, abrindo assim novas valvulas ao espirito de exame. Elevou-se o nivel moral d'esses povos. E vemos alguns d'elles, a Suissa e os Estados-Unidos regendo-se pela fórma republicana, avançarem rapidamente em grandeza e força social; outros como a Inglaterra, em poder mercantil; a Allemnha unindo-se e engrandecendo-se: a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Hollanda gosando de feliz tranquillidade pelo trabalho intelligente, pela tolerancia, e pela ausencia da compressão religiosa.

Ao passo que os povos protestantes tomam affoutamente a dianteira da civilisação, elevando a personalidade humana e preparando-a para os seus destinos inevitaveis, os povos latinos ainda se debatem contra os botes da companhia romana, que explora a nossa ignorancia e a nossa tolice.

Lá estão esses exploradores na Hespanha, bestialisada e arruinada por elles, de escopeta ao hombro lutando pela *santa* causa do catholicismo.

No Brazil ainda não ha muito abrimos o cofre publico para dar á cada bispo em viagem para o Concilio vinte contos de réis, justamente como se fornecessemos armas á um inimigo que só tem em vistas combater-nos.

A França, entregue, garroteada e amarrada ao bando negro d'esses abutres pelo idiota de Sedan, esteve á dois passos de sua completa ruina, da qual felizmente a ha de salvar o seu genio immortal e a grande missão de progresso que se incuba em seus seios fecundos.

No entanto o christianismo reformado que vale mais sem duvida do que o christianismo catholico, desaba como este em ruina por todos os lados.

Em vão levantam-se catholicos-liberaes e protestantes-liberaes, procurando na communhão dos esforços amparar a vascillante fabrica, que nos legou a ignorancia e a escravidão dos nossos paes.

Em vão pensam elles, abrindo mão da divindade do Christo, crear um christianismo *genuino*, como ainda não foi comprehendido, nem praticado; pois que o christianismo da tradição é um composto de invenções, absurdos e incongruencias, que não resiste á mais ligeira critica. Em vão o tentam. Para a humanidade livre e dignificada não ha outra religião possível, senão aquella que nasceu com o primeiro homem :

A religião do direito e do dever, fundada na justiça.

O serviço unico que podemos e devemos prestar ao Ser invisivel e indiscriptivel, que concebemos por inducção das leis que regem o Universo, é seguir a lei da perfeição, ou do progresso, que nos impelle fatal e irresistivelmente para o desenvolvimento da nossa razão e das nossas forças, como meios de realisar o nosso destino que, seja qual fôr, nos impelle para o justo, para o bom, para o verdadeiro.

Esta religião não necessita de intermediarios entre nós e a divindade, nem de futeis e apparatus pompas. Cada ente humano tem na sua razão o laço que o liga á Deus, na sua consciencia um altar para amal-o, na personalidade a responsabilidade moral, correctivo para o uso de sua liberdade.

Um Deus assim concebido, assim comprehendido e amado é bastante grande e sublime para não se amesquinhar com os progressos da creatura racional, por mais surprehendentes que elles pareçam, por mais alto que pretendam elevar-se.

Não ha receio de que este Deus venha, como o do catholicismo, por meio do seu vigario e de seus livros-santos, condemnar a civilização, a liberdade, a sciencia.

Para este Deus não ha inferno, nem purgatorio, nem demonios, nem penas eternas, nem escolhidos, nem reprovados, nem canones, nem extorções de dinheiro em seu nome, nem Igrejas, nem Papa infallivel, nem gordos bispos, nem rubicundos e ociosos frades, nem revelação, nem dogmas, nem milagres, nem mysterios, nem lithurgia.

O Deus da humanidade tem por sêde a obra immensa do Universo e por sacerdote, na terra, a mais perfeita de suas creações o — homem.

No dia em que esta fôr a religião, unica admissivel, como unica racional, a humanidade será feliz, porque será livre.

TANCREDO.

OFFERECIDO AO MEU AMIGO F. DE SÁ BRITO.

I.

Tancredo era um sonhador.... Sua fronte de moreno pallido rescendia os perfumes de vinte primaveras...

Vinte primaveras placidas e serenas, como as ondinhas do regato, que correm sobre o tapete esmeraldino da varzea.

Sua vida e mocidade não tinham sentido os ardores das canículas, nem o gelo dos invernos, o palco de sua existencia decorrera no lar domestico, onde, se não fruia os gozos da fortuna que era nenhuma, possuia abundancia e opulencia de carinhos e affectos que eram muitos.

Tancredo não é um typo de romance, nem o heróe de uma lenda.... Não, não é.

O seu passado é um drama simples, sem enredo, que resume-se em tres actos : infancia de sorrisos, adolescencia de esperanças, e mocidade de crenças.

Sua infancia é como todas as infancias, com risos de criança e lagrimas de menino....

Assim são todos, choram por pezares que não sentem e riem por alegrias que não conhecem.

A nuvem da melancolia n'uma fronte infantil tem azas de phalena; vòta aqui, pouza ali.... e assim vive

Oh! abençoada sejas tu, quadra da infancia, que não sabes distinguir pezares dos jabilos, nem risos das lagrimas....

Abençoada sejas tu, que trazes sempre nos labios o ramo de oliva!... A adolescencia foi linda, ainda mesmo com um baptismo de desgraça— a orphandade paterna.

Tancredo tinha treze annos quando ficou orphão de carinhos paternaes, era muito jovem para aquilatar a perda sensivel que soffria, mas chorou, e chorou muito, foi na adolescencia que derramou as primeiras lagrimas ungidas de luto e dôr....

Foi a primeira vez que em seu coração brotaram sandades e goifos.

Mas os beijos maternos, collados ás palpebras de Tancredo enxugavam-lhe os olhos, o collo maternal, ninho sempre quente e hospitaleiro resguardava a fronte d'essa flôr—em botão—locada pela primeira rajada da tenpestade do infortunio.

A mulher-mãi sabe criar esses prodigios.

A mulher é mais que sublime, quando orna-lhe a fronte a auréola da maternidade, — é divina; tem seus labios mais aromas que as flores, sua voz mais harmonias que a harpa eolia, seu braço é bordão augusto que desvia o romeiro incauto dos precipitios da jornada e ensina o marco da peregrinação.

Mãi— que magia encerra essa palavra, que faz da moça frivola um ente arcanjo?

Foi uma mãi que abriu á adolescencia de Tancredo basejada com o halito do infortunio— um mundo de esperanças.

Bemdicta sejas tu mulher-mãi...

Quanto á sua mocidade, nós minha leitora, vamos caminhar passo á passo com ella.

II.

Tancredo tinha uma alma altiva; não era essa altivez enfatuada que é sempre filha da ignorancia, mas sim a altivez que nobilita e que é irmã gemea do character independente.

E' possivel, que moço e intelligente, e agradando, (permittam-nos a palavra da moda), Tancredo alcançasse uma d'essas posições que sempre conseguem os homens, cujo merito é rastejarem nos salões entapetados, servindo de capacho nos patamares das escadas palaciaes.

E' possivel... mas elle preferira uma posição modesta conquistada com o merecimento e o amor do trabalho á uma posição elevada comprada com o opprobrio e o aviltamento.

Jámais sua fronte juvenil abaixava-se para pedir, era pobre mas não julgava a pobreza incompativel com a honra; pertencia á essa classe de homens que o mundo vulgar aponta como orgulhosos, retemperados no cadinho do trabalho, que ensina a religião do dever, d'esses que passam obscuros por entre as multidões, mas que têm e conservam a realzeza de seu valor perante Deus que é a— consciencia.

Era um typo original para o mundo positivista por calculo, que prefere os pomposos trens e venera as fitas e os brazões, repellindo as

estamenhas que occultam a maioria das vezes thesouros de sentimentos.

A época que passa, não tem por divisa — honra e trabalho.

O tempo consumidor eterno, apaga da memoria popular os velhos costumes que não podem alliar-se com o dinheiro e a moda.

O seculo que marcha é do dinheiro e do fraque parisiense.

A mão do *dandy* mettida em luva de pellica, não vale a mão callosa do operario no lidar da officina

A blusa do artista é bastante grosseira para hombrear com o fino tecido da casemira

A palavra lhana do proletario vibra mal no seio do salão, onde mente-se para agradar, e a sinceridade flôr mimosa da alma nobre, é grosseria n'uma sociedade que não vive para o sentimento, mas sim para o — tempo.

Para este mundo realista por excellencia, Tancredo não attrahia os olhares senão como uma curiosidade, ou velha reliquia de uma tradição apagada na poeira do passado e morta na lembrança de todos.

Para uns era o symbolo de uma velha anedocta, para outros não passava de um visionario, admirador do preterito e inimigo do presente.

Para nós era o que já dissemos: — Um sonhador....

III.

O nosso sonhador não é um vulto rico, nem pobre de dotes physicos.

E' um moço sympathico.

Sua altura é regular, e seu corpo proporcionado, não é nedio materialista, nem sylpho vaporoso; não tem nos contornos a perfeição que a arte de Canova cinzela nos marmores, nem tambem as imperfeições com que a natureza amesquinha alguns.

São seus cabellos castanhos aureola de mocidade que cinge-lhe a fronte de moreno-pallido; um leve colorido tinge-lhe a pelle macia da cutis, e nem o bigode de vinte annos é tão espesso para occultar as curvas delicadas da boca pequena.

Eis Tancredo n'um leve esboço.

Porque é um moço sympathico? perguntar-me-ha a leitora curiosa e com o direito de o ser.

A sympathia para nós é como o amôr, sentimos sem sabê-lo exprimir com palavras; é um reverbêro de luz do espirito que passa para a materia, traduz-se n'um olhar, revela-se n'uma phrase, descobre-se em um gesto e melhor do que nós, vai explicital-o o nosso sonhador Tancredo.

Vamos, minha leitora, abri as azas da imaginação e deixai-a roar, eu a guiarei até á soleira d'aquella cazinha branca que alveja na abdo monte, qual nivea garça na esmeralda d'um lago. Abrirei a

porta com a liberdade de proprietario, porque não ha direitos de propriedade para o romancista...

Vamos, está aberta a porta e aconselho-vos que entreis sem timidez nem acanhamento, pois desde já vos concedo todos os direitos que posso como escriptor d'esta narrativa.

Entremos...

Esta salla é pequena, mas não deixa por isso de ser bem aproveitada por aquelle que a occupa ; é de visitas e tambem de trabalho.

Agora leitora, reclamamos a attenção para aquelle folheto manuscrito, que está sobre a meza junto da estante de livros. ...

Vamos lê-lo :

PAGINAS INTIMAS.

A pagina do estio estava aberta no livro das estações....

Na aza do tempo voava essa quadra amena em que as phalenas buscam os leitos avelludados das flores, e as auras espanejam-se na amplidão etherea arroubadas de perfumes.

E' a quadra da mocidade, porque é a estação dos risos e flores.

Quanta vida na natureza do sol americano ! Ali segredam divos rumorejos os seios das florestas gigantes ; distillam meigos múrmures as catadupas christallinas que rolam sobre as campinas verde-mar....

Que melodias desferem os trovadores de nossas selvas quebrando a soidão magestosa das serranias patrias....

E no seio d'essa natureza luminosa, manifestada em todos os seres criados, destaca-se com o esplendor de sua realeza a morena patricia.

Natureza de minha terra, eu te contemplo saudando-te ante a grandeza soberana do teu painel.

* * *

Como és linda, perola rio-grandense, entre as louçanias e gallas das tardes de estio !

Como és linda, cidade do sul, reclinada nas fraldas das collinas, mirando-te na superficie das aguas christalleas do teu Guahyba.

Ahi vem elle, embora senhor de recursos fataes que o tufão manaja como elementos de morte, curvar-se submisso ás tuas plantas, rendendo-te um preito de homenagem.

Olha como aqui a poesia do mar não é a tempestade, e a onda revoltosa não tem a ouzadia de querer topetar com a nuvem; não, a onda do Guahyba dorme placida em seu leito, apenas lambe as plagas arenosas, raias de seu reino marilimo, que tua vontade, cidade do sul, traçou-lhe

E os frocos de espuma de suas ondas azues, derramam em teu seio a vitalidade e a opulencia ; encerram o segredo da primavera eterna, que concedem com liberalidade e profusão....

Dorme tranquilla, nas fraldas de tuas collinas, perola rio-grandense, dorme, que elle vela teu somno e é cioso por teu porvir.

* * *

Que terra de amores !...

A aurora desabrocha entre manhãs gorgeiadas pelo sabiá, e a tarde fenece ao toque de Trindades garganteada pelo gaturamo entre os galhos do ingaseiro á beira-rio.

Que terra de amores e flores !...

Aqui o rei da criação piza os tapetes avelludados das campinas, tendo por tecto um céu de roza ; o mais canôro alaude que o embriaga com melodias, é o da natureza, cujas cordas são, o céu de amores, a cascata murmurosa, a brisa perfumada e a varzea florida....

Aqui o trovador não é o homem— é Deus.

Deus que criou o umbú altivo e o bosque secular, o pampa infinito e o pampeiro indomavel.

Aqui a criação é eterna caçoila que espargue sempre divinos olores.

* * *

Foi n'uma d'essas tardes, que te vi Marina....

O sol corria buscando os coxins de seu leito aureo e o horizonte tingia-se de roxas violetas prenuncio do crepusculo. ...

E' a hora das scismas, porque o crepusculo é o verbo da melancolia :

Tu scismavas e tua fronte radiava a luz de tuas desesseis primaveras.

Tu eras bella no meio de teus scismares ; tinhas a face morena reclinada sobre a mãosinha de anjo e o corpo de madona collado á janella, onde a essa hora ias emoldurar as graças de teus encantos.

Foi assim que vi a primeira vez, as tranças de teus cabellos de azeviche cahiam sobre as roupagens brancas que cobriam-te as fôrmas voluptuosas e teus olhos negros desmaiavam de amores entre supercilios avelludados....

Foi assim que te vi e que minha fronte de moço descobriu-se para saudar-te, saudação inspirada por uma força occulta que nasceu espontanea.

Tu retribuiste minha saudação com um sorriso ; filho da cortezia ou não, eu só sei o que elle inspirou-me, só sei que meu coração pulsava com a vehemencia dos vinte annos.

Teu sorriso foi para mim uma aurora e um porvir, porque descerrou um poema de affectos....

E eu amei-te nelle e por elle e desde então foste para mim mais que a vida, foste a minha— religião.

.....

(Continúa).

A ESCRAVATURA.

FABIO A SALUSTIO.

EPISTOLA TERCEIRA.

Si vales, bene est. Valeo.

Pareces convencer-te na tua ultima epistola de que são exaggerados os teus escrúpulos acerca do direito de propriedade sobre o homem.

E dizes que a indemnisação traduzida no projecto apresentado ás camaras é excessiva em quanto ao que diz respeito á creação dos filhos das escravas. Que o *servilismo* é uma idéa prejudicial á civilisação futura do povo, e que despertando a sordida ambição dos *senhores* apaga todos os sentimentos de humanidade no seio das familias.

O teu bom coração dice a verdade, fallou a tua alma simples e que se tem conservado pura em meio das *facções*.

Mas tremes diante do desfalque do thesouro, quando fallas sobre a necessidade de levantar-se *asylos* para a creação das creanças, e mantença e educação na primeira idade.

Quasi que paguei-te o preito que prestaste ás minhas idéas, deixando-me arrastar pelos teus argumentos, e o teria feito de bom grado, se a analyse á que o meu espirito se entregou desde logo, não me tivesse demonstrado claramente o erro em que te deixaste levar.

Eu disse que— a mãe escrava cria o filho livre no seio da familia que é sua, porque ella tem um marido, e ambos tem direito ao trabalho e ás suas economias.

O filho livre criado pela mãe escrava sem que se admittisse o *servilismo*, podia incarnar-se na familia e participar das vantagens moraes que tem sua mãe, embora em condições excepçionaes, mas que está ligada por um contracto aos que usufruem os seus serviços; podia tomar os habitos nacionaes e dirigido ás artes e officios ser talvez motor ou concorrente da liberdade de sua mãe, o que moralisaria o paiz excitando e provocando dedicações filiaes que seriam dignas de

respeito e contagiosas entre essa mocidade de operarios, de cidadãos productores.

Correndo a educação dos novos livres por conta de suas mãis, e mesmo de *senhores* honestos e compassivos, a educação do trabalho seria feita nas officinas ou nas granjas, e o paiz teria menos falta de braços e mais homogeneidade na população, em quanto aos costumes, habitos, linguagem e religião.

Um cidadão assim formado á custa do trabalho de seus pais daria á população o concurso de seu braço na grande causa da manumissão, salvando seus progenitores das garras do captivo.

A moralidade da nação, e o orçamento ganhariam tudo com a educação assim feita.

Mas para obter-se esse resultado seria mister que considerassémos o *escravo* um homem, que se organisasse o trabalho e que se reduzisse á contracto o gozo dos *serviços comprados*.

Não admittiste, porém, essas idéas, ainda que condemnaste o direito de propriedade sobre o homem; não quizeste resistir ao impeto da falsa opinião, e deixaste-te illudir pela *miragem* do projecto (*).

O ventre é considerado livre, dizes-me; e como a escrava pertence ao *senhor*, este pôde ou deve criar o filho d'aquella mediante 600\$ rs., dados pelo Estado, logo que tenha seis annos, ou conserval-o *servo* até a idade de 21 annos.

Já te disse, e tu o disseste,— que o ventre era por sua natureza livre; que o abuso tinha tornado essa usurpação *legal* mas não legitima; que se era preciso uma lei era para indemnisar o paiz, e as victimas da vergonha e dos vexames soffridos.

A declaração do ventre livre é uma ociosidade inqualificavel.

Tu comprehendes, Salustio, na simplicidade de tua alma, o que excita o ganho de 600\$ dado ao *senhor* pelo Estado por uma criação do filho livre da mulher escrava. E' um incentivo immoral que só a subserviencia d'uma camara pôde permittir a um governo que o leve ao seio da familia.

E' provavel que o não consiga, porque só a indifferença ou ignorancia a mais culpavel pôde autorisar a votação de tal projecto.

Condemnaste o *servilismo* como prejudicial ao futuro de um povo n'esta época, em que a liberdade ganha no terreno pratico as proporções da realidade.

Eu te acompanho n'esse pensamento, e horripila-me a idéa de ver *servo*, um *quasi* ou verdadeiro *escravo*, o meu patricio, o homem que como eu e tu, viu a luz debaixo d'este céu tão puro, tão azul e tão esmaltado, e que respirou o ar que agita as comas perfumadas das florestas virgens.

Miragem enganadora, seduzio-te este projecto que não passa de um amontoado de falsidades e perfídias.

O que te peza, o que te faz recuar, é o que dispõe o artigo 2.º — a criação e a educação dos *novos livres*, em que pareces que lês a ne-

(*) A lei n. 2040 de 28 de Setembro de 1871.

cessidade da *creação dos asylos* por parte do Estado, cousa para ti quasi impraticavel.

Vejamos se nisso devo acompanhar-te.— Dizes, Salustio, que o estabelecimento de vinte asylos, pelo menos, para as vinte provincias do Imperio é cousa que gastaria um capital de 20,000:000\$000, empregando-se em cada um 100:000\$000, o que não seria excessivo considerando as despezas das amas, dos creados de serviço e mais gastos do estabelecimento; e que isto duplicaria dando-se 20:000\$000 annuos por cinco annos a cada um para a sustentação dos mesmos, capital que avultaria sobremodo se attendessemos aos juros d'elle.

Diante de uma cifra de 40 mil contos, na época actual, quem não recuaría? eu mesmo o teria feito se o meu espirito analytico se não tivesse demorado para observal-a.

Não tens razão, Salustio, precipitaste o teu juizo, traduziste mal o pensamento do projecto— o seu autor escreveu uma palavra vã, sem significação, ôca de sentido; nunca esteve na mente d'elle— *educar brasileiros, fazel-os operarios, homens do trabalho*.

Dos novos livres o Estado fará o que fez dos indios — deixou-os no abandono, expoliou-os, e por fim mandou-os acabar por *patriotismo* nas guerras ruinosas.

Eu é que entendo que devemos criar *asylos de liberdade* para os *novos livres*, que devemos ainda á custa de algum sacrificio arrancal-os do *servilismo* para os educar no trabalho, tornando-os cidadãos capazes de entrar com vantagem na communhão brasileira.

E' isto de que te fallarei na proxima epistola.

Bené.

FABIO.

RISOS E LAGRIMAS.

ACTO II.

QUADRO II.

(Sala modestamente mobiliada. Um piano à direita.)

SCENA I.

Octavia reclinada sobre o sofá, tendo um livro aberto entre as mãos e Ricardo da Silva que entra, pára-se contemplando a filha.

R. DA SILVA (baixo).— Sempre triste!... E não poder adivinhar a causa d'esse sofrimento atroz! (approximando-se) Bom dia, filha.

OCTAVIA.— Ah!... A sua benção, meu pai.

R. DA SILVA.— O que tens tu, minha Octavia?... Se me fosse possível adivinhar o que pensavas!...

OCTAVIA.— Estava completamente absorta...

R. DA SILVA.— Valha-me Deus. Ha nas tuas palavras, nos teus gestos, na expressão do teu semblante uma magoa tão funda, que não é preciso ser pae para comprehender que soffres e muito. Dize-me, filha, acaso passou nuvem negra no teu céu côr de roza?... Porque

não has de rir como as outras que tem a tua idade?... Então emmudeces?

OCTAVIA.— Que lhe hei de responder, se nada sinto....

R. DA SILVA.— Julgas por ventura que podes illudir-me?... Quando o coração de uma filha é magoada, quando seus olhos coam essa tristeza que em vão tenta occultar, o coração de um pae estremece exuberando de cuidados. Falla-me, Octavia, o teu silencio martyrisa-me

OCTAVIA.— Mas porque se ha de affligir assim, meu pae?! Bem sabe que nunca fui alegre...

R. DA SILVA.— Não, Octavia, não mintas á teu pae!... Ha 3 mezes que uma grande mudança tem-se operado em ti. Já não és a mesma, definhas dia por dia, e isto não póde, nem deve continuar!... Vamos, minha filha; tira-me do peito este peso que o esmaga.... Uma palavra ao menos.... Eu te supplico!...

OCTAVIA (à parte).— Que martyrio!...

R. DA SILVA.— Pois bem, logo que se restabeleça Julio, sahiremos d'este lugar para sempre; entregar-lhe-hei o escriptorio e iremos viver bem longe d'esta terra maldita. E' preciso que te distraias; talvez sejas mais feliz...

OCTAVIA (agitada).— Sim, meu pae, iremos... (à parte) Partir!... Deixal-o!...

R. DA SILVA.— Ah! vem Julio... Como está desfigurado!... (indo ao encontro de Julio).

OCTAVIA (idem).— Não devia sahir do quarto...

SCENA II.

Os mesmos e Julio de Aguiar.

JULIO.— Sinto-me melhor, estou quasi bom.

OCTAVIA.— Este ar frio da manhã póde fazer-te mal...

R. DA SILVA.— E o medico recommendou socego de espirito.

OCTAVIA.— Julio é teimoso, não quer ouvir-nos, e a molestia póde aggravar-se

JULIO.— Não hei de morrer, Octavia.... Preciso viver agora mais do que nunca. Meu coração pulsa com todo o vigor da mocidade.... A minha existencia começa hoje.... Uma nova aurora brilha risonha, matizando a estrada do futuro.... Não vês?... Que céu azul!... Repara, como é lindo, Octavia!... Flores e luzes!... Que primavera ridente!...

OCTAVIA (inquieta).— Delira!...

JULIO.— Olha.... Não onves?... Que harmonia infinda!... Dir-se-ia um cantico eolico.... é talvez a voz do Senhor perpassando languida nas ramarias do arvoredo!... Que esplendidas salas. Vem comigo, Octavia, entremos.... Dançam, são todos felizes!

R. DA SILVA.— O que é isto Julio?!...

OCTAVIA.— Julio! Julio!

JULIO. Mas.... o que vejo!... Sim, é ella, lá está.... não me

engano... como desdenha!... Deixem-me... quero vingar-me!... (Cae prostrado sobre uma cadeira).

OCTAVIA (à parte).— Era o desenlace que eu esperava!

R. DA SILVA.— E' mister ser homem, Julio.

OCTAVIA.— Vae para o quarto, precisas repousar... Ardes em febre e este ar frio faz-te mal.

JULIO (olhando em redor).— Ah! és tu, Octavia!... Como me estimas e quanto te sou agradecido! Senta-te aqui junto á mim, quero fallar-te, tenho tanta cousa a dizer-te...

R. DA SILVA.— Não, Sr., não consito que se demore aqui....

OCTAVIA.— Elle vae, meu pae...

R. DA SILVA (baixo).— Preciso ir de novo á casa do medico; o character d'esta molestia assusta-me, dá-me serios cuidados (à Octavia). Já volto, vou ter com o Dr... (à Julio) Animo, Julio, Deus é grande e misericordioso. Crer e esperar.

SCENA III.

Octavia e Julio.

JULIO (levantando-se).— Crer e esperar! Crer em quem? Esperar o que? Ah! nada mais me resta... A estrella que brilhava lá nas alturas, aluziando a vereda incerta, apagou-se... Só trevas no caminho, trevas na minh'alma tambem... Destinos, Octavia. Que importa. Os crentes não temem a morte, não é assim?

OCTAVIA.— Porque me has de entristecer?... Deus ouvirá as minhas orações e ver-te-hei ainda muito feliz.

JULIO.— Feliz! Nunca mais, é impossivel. Quando a alma adocece, a morte é necessaria, inevitavel. Quando se ama como eu amei e que em paga d'esse culto, em troca d'essa adoração recebe-se a mais cruel indifferença, o coração paralysa-se, a idéa morre, fica a existencia do cataleptyco. As molestias do corpo curam-se: as da alma, nunca Octavia. O que sinto aqui dentro é a morte.

OCTAVIA.— Cala-te, Julio, cala-te por piedade!

JULIO.— Não te enfades do meu pedido, quem sabe se não será o ultimo!

OCTAVIA (à parte).— O que será!

JULIO.— Quero que vás tocar. Fiz uns versos e...

OCTAVIA.— Versos?

JULIO.— Sim, do que te admiras? .. Guarda-os bem... Então, não me fazes esta ultima vontade? Quero recital-os acompanhados por ti...

(Octavia senta-se ao piano e executa um acompanhamento para recitativo).

JULIO (recitando):

Anjo querido, se amanhã no leito
Meu pobre peito não pulsar, não chores:
Que vale a vida de prazeres cheia,
Se é qual sercía,— seu cantar traz dôres!

A vida é taça transparente e bella,
 Mas dentro d'ella só veneno existe ;
 E' manso lago que transluz e encanta,
 Mas ai espanta !.. Lá no fundo é triste !

A vida é nuvem que no céu se esgarça,
 E nos disfarça o temporal que é perto ;
 E' fallaz sonho, nos febris ardores
 Fanam-se as flores no caminho incerto.

Por isso, ó anjo, se amanhã no leito-
 Meu pobre peito não pulsar, não chores.
 Além minh'alma foi sorrir contente,
 Aqui sómente supportou mil dores !

A morte.....

OCTAVIA (erguendo-se agitada). — Ah ! basta, não continues,
 Julio !

JULIO (dando-lhe os versos) — Aqui tens, são teus, guarda-os,
 minha prima..... minha irmã Consente que eu te chame assim.....
 E' um nome doce e tens direito á elle pelos teus affectos, por esses
 cuidados, por essas lagrimas, que eu agradeço ! .. Mas não chores
 assim, não chores tanto !..

OCTAVIA (á parte). — Que supplicio, santo Deus !

SCENA IV.

Os mesmos e Margarida.

MARGARIDA (que traz um caldo). — Ha de tomal-o todo, foi feito
 pela minha mão....

OCTAVIA. — Aqui está o caldo, Julio....

MARGARIDA. — Olhe que é para o seu bem, está tão fraco....

JULIO. — Para que me serve isto ? (bebendo).

OCTAVIA. — Falta um restinho, vamos, bebe todo....

MARGARIDA (recebendo a chicara). — Ora muito bem. Agora vá
 para o quarto.

OCTAVIA. — E' preciso, Julio.

JULIO. — Pois sim, eu obedeço, seja feita a tua vontade....

MARGARIDA (á parte). — Quem o viu e quem o vê !

SCENA V.

Os mesmos e o Dr. Anselmo e Ricardo da Silva.

DR. ANSELMO (baixo a R. da Silva). — Nada receie. Todas as

molestias soffrem alternativas. Julio tem contra si a imaginação apprehensivel e depois é de uma natureza debil.

R. DA SILVA.— Mas a febre recrudescer.

DR. ANSELMO.— Confie em meus esforços. (Saúda Octavia e dirige-se á Julio). Sente-se melhor, não é verdade ?

JULIO.— Eu não sinto cousa alguma.

DR. ANSELMO.— Tem menos febre hoje.

JULIO (baixo ao Dr.).—Dá-me noticias d'ella, Dr. ?... Não posso esquecel-a.

DR. ANSELMO.— E no entanto precisa supplantar de uma vez esse amor inglorio....

JULIO.— Tem razão, Dr. Adelaide respirando a athmosphera dos salões, embriagando-se nos perfumes da lisonja, perdeu a candura das virgens, gastou-se n'aquelle mundo mentiroso e hypocrita ! Illudiu-me com o sorriso nos labios ; á sua palavra cheia de sentimento e suavidade senti-me preso; á um gesto seu tornei-me escravo submissmo até ser esmagado um dia ! Oh ! fui um insensato !

R. DA SILVA.— Socega, Julio; calma.

JULIO.— Na febre d'esse amor eu esqueci que era pobre e que a sociedade devia condemnar a minha audacia !... Foi uma loucura !... Eu devéra ter comprehendido que d'esse affecto nasceria a minha eterna desgraça !... E quer saber, Dr., para esquecel-a hoje é tarde !... Aqui ou longe, sob outro céu, n'outro clima amal-a-hei, a sua imagem viverá comigo, presa sempre á minh'alma !

DR. ANSELMO.— Tudo passa, o tempo desvanece todas as cousas.

JULIO.— Sociedade maldita ! Proclamas a virtude e no entanto vendes a alma e a consciencia como a miseravel cortezã de Roma vendia o corpo ao tinir da moeda que lhe arrojavam á face !... Proclamas-te rainha e supplantas o pobre com o teu despotismo, erguendo da lama o milionario, cortejando o agiota que véla, escutando o soluçar das victimas !

R. DA SILVA — Acalma-te, Julio.

JULIO.— Eu acreditava no amor e na gloria— o amor e a gloria mataram-me !... Que vale adormecer de cansaço sobre os livros, empallidecer á meza do estudo, quando não se tem um pergaminho ou um titulo nobiliario ? !

DR. ANSELMO.— E' uma verdade bem triste !

JULIO.— No estrangeiro estudam para ganhar, aqui estudamos para perder, escrevemos para morrer de fome !... Velando noites inteiras, apoz o trabalho diurno sobre os livros do escriptorio, dediquei-me ao estudo sacrificando até mesmo a saude, fazendo miseraveis economias para comprar livros !... Envelheci n'esse afan que sentia por subir, e, tanto mais baixo me achava, quanto minha intelligencia enriquecia-se, porque antes uma ignorancia supina quando se tem uma moeda de ouro, do que uma illustração, quando não se possui uma moeda de cobre !...

DR. ANSELMO.— Porém faz mal com esses excessos.

JULIO.— Ha momentos, Dr., em que a blasphemia nos roça pelos labios roxeados ! momentos em que o espirito attribulado se perde,

desvaira, porquanto ha dôres superiores ás nossas forças !... Oh ! se é verdade que existe um Deus !...

R. DA SILVA.— Julio !

DR. ANSELMO (baixo).— E' a febre, tenho pena.

JULIO.— Oh a Providencia é surda e inexoravel ! Lança-nos á borda de um abysmo, dá-nos uma vida eivada de fel, cheia de amargores e no entanto ha de o homem soffrer resignado e chamar esse Deus bom e justo !

R. DA SILVA.— Dr., tenho medo.

DR. ANSELMO.— Conste em meus esforços.

JULIO.— Nada tenho que agradecer á Deus !... Deu-me intelligencia, essa febre que só o genio sente e que por sentil-a morre quasi sempre tresvariando á mingoa na espelunca do vicio, asphixiando a alma na ebriedade do alcool apoz tantos sonhos e esperanças !... E o que é a existencia senão um desengano ? !... Tudo mentira, tudo., até...

DR. ANSELMO.— N'esta romaria cphemera pela terra a creatura enverga-se sob o peso de uma condição infeliz, é verdade; mas nem por isso o verdadeiro christão pôde clamar contra a Providencia. Aqui soffremos, porque é aqui que a Divindade experimenta o homem. Christo, o divino mestre deu-nos o exemplo. Seu sangue jorrando pela terra, borrifou a face da humanidade inteira, e no entanto n'aquelle baptismo estupendo, torturado o espirito, açoitado o corpo, elle não maldice de Deus, nem do seu semelhante !... A resignação é a maior das virtudes !

JULIO.— Pois bem, cumpriu-se o meu destino. Onde eu sonhava encontrar a felicidade, achei o desengano... Morreram todas as minhas esperanças e agora irei pedir ás estatuas do vicio o esquecimento da vida !...

Sim, depois que venha o mundo com o seu sarcasmo ; rôde triumphante o carro da sociedade sobre um corpo palpitante ainda, mas cuja alma galvanisoq-se na effusão do gôso depois de uma existencia tormentosa !... Que venham os moralistas ! .. riam-se da victima, lancem-me o ferrete da maldição e eu lhes responderei com um sorriso de escarneo. (Solta uma galgalhada, cahindo nos braços de Ricardo e do Dr.)

OCTAVIA.— Que foi, meu pai ? !

R. DA SILVA (impondo silencio).— E' melhor fazel-o deitar-se.

DR. ANSELMO.— Sim. Passa por uma crise nervosa, porém fal-ohi dormir; estas agitações do espirito vão cessar. (R. da Silva e Margarida saem amparando Julio).

SCENA VI.

Octavia e o Dr. Anselmo.

OCTAVIA (afflicta).— Diga-me, Dr., tem esperanças de salvar-o ?

DR. ANSELMO.— Porque não ?

OCTAVIA.— Mas elle está em perigo ! !

DR. ANSELMO.— Bem longe d'isso, minha Sr.^a

OCTAVIA.— Oh ! Dr., Dr. !... Porque me ha de occultar talvez uma verdade ?! Compaixão, seja franco, bem sabe que préso Julio como se fosse meu irmão ; criamo-nos juntos, a minha infancia escoou-se ao lado da sua e... comprehende que devo interessar-me muito por elle... que... depois de meu pai,...

DR. ANSELMO.— Socegue, minha Sr.^a, não vê como estou calmo ?

OCTAVIA.— Ah ! então pôde salvar-o, não é assim ?... Não está em perigo, o Sr. disse; posso e devo confiar em sua palavra ?!... De-mais, o Dr. interessa-se muito por elle... E quem não se interessaria, se Julio nunca fez mal á ninguem ! .. Moço, intelligente !... Seria uma pena, Dr. !...

DR. ANSELMO.— Não receie cousa alguma, confie em mim.

OCTAVIA.— Obrigada, Dr., obrigada ! (á parte) Oh virgem immaculada !

DR. ANSELMO (á parte).— Ella o ama sem duvida alguma ! (alto) com licença, vou ainda ver o doente (sae).

SCENA VII.

Octavia e depois R. da Silva.

OCTAVIA.— E agora o resto fica por minha conta !... (pausa) Ah ! Julio, por ti farei todos os sacrificios !... Sê tu feliz, já que o não posso ser !... (pausa) Tu soffres agora muito, porém a tua dôr não é talvez igual á minha !... Amar com todo o impeto da alma e sentir o desenganho em cada dia que passa ! Onde maior supplicio, Deus ?!... (pausa) Porém coragem até o fim, (Ricardo da Silva apparece) dae-me forças, Senhor, para completar a minha obra !... (dando com o pae) Ah !... (á parte) Teria ouvido ?!...

R. DA SILVA (atormentado).— Ainda bem, não podes dissimular, nem mentir-me agora !... Choravas, Octavia, choras ainda e...

OCTAVIA.— Que lhe hei de dizer, meu pae ?! (soluçando). A sua Octavia não sente cousa alguma... Acredite-me... Tenho ás vezes prazer em chorar... Quando me vir assim, ralhe-me, porém não se amofine, não se afflija !

R. DA SILVA.— Estás mentindo, Octavia !... O coração de um pae nunca se engana... Ha na tua vida um mysterio... sei-o eu, dizem-me as tuas lagrimas !... Pela memoria de tua mãe confessa-me a causa das tuas tristezas !...

OCTAVIA.— Porque insiste meu pae ?!...

R. DA SILVA.— Não mintas, filha !... Existe forçosamente o quer que seja na tua vida... Um erro, (commovido) um erro, quem sabe ?!..

OCTAVIA (com desespero).— Um erro !...

R. DA SILVA.— Confessas então ?... Ah ! já o tinha pensado !... Pois bem, não m'o quizeses revelar e agora quero contas, já, exijo quanto antes a confissão do teu crime !...

OCTAVIA.— Cale-se, cale-se, meu pae !... (apontando para o quarto de Julio). Silencio !... Elle está alli e pôde escutar-nos !...

R. DA SILVA.— Oh ! maldição sobre elle !... (Vae direito á porta do quarto de Julio, porém recúa detido por Octavia).

OCTAVIA.— Qué vae fazer, meu pae ?

R. DA SILVA.— E ainda perguntas ? !... (baixo para ella) Hei de matal-o !...

OCTAVIA.— Matal-o ? !... Pois que fez elle ?... Ouça-me, escute-me... Não julgue que a sua boa Octavia está perdida... Não, meu pae !... Quer saber a causa das minhas lagrimas !...

R. DA SILVA.— Falla, Octavia, tira-me d'esta duvida horrivel !

OCTAVIA.— Quer saber ?... (impondo silencio ao pae) Fallemos baixo... E' preciso que ninguem saiba... ninguem, ouviu, meu pae !...

R. DA SILVA.— Estamos sós !...

OCTAVIA (apontando para o quarto de Julio).— Amo-o muito, porém elle não sabe e não deve saber !... Cale-se, silencio, agora por mim e por elle !

R. DA SILVA.— Comprehando, és martyr !... Ah ! Julio, mataste a minha filha !...

FIM DO QUADRO 2.º

O VAQUEANO.

(NARRATIVA.)

IV.

A canguçu.

Sigamos o vaqueano.

Vai cansado da conversação que tivera, ainda que nas respostas denotasse verdadeiro laconismo.

Approxima-se d'um grupo em torno do brazido, aquecendo os membros engelhados de frio.

— Que novas? repetiram quatro ou cinco vozes repassadas de curiosa anciedade.

Elle por unica resposta encolheu os hombros.

Os outros o comprehenderam; porque encetaram nova palestra, emborcando de vez em quando uma chaleira na bocca de duas cuias que percorriam a roda.

— Chimarrão sem churrasco é laço sem argola ou relho sem açoiteira, ponderou sentenciosamente Manduca Pereira, celebre domador de Caçapava.

Os outros approvaram com vivos signaes de assentimento a reflexão do companheiro.

— Laço sem argola!? Antes mato sem madeira, accrescentou

um lenhador que havia trocado por circunstancias imprevistas o machado do trabalho pelo ferro dos combates.

— Lança sem lanceiro! regongou emphaticamente um negro, herentes de porte, pertencente á arma citada.

— Deos enfim se amercie de nós, porque n'esse andar morremos de fome antes de lá chegarmos, tornou outro do rancho. Pensem vocês o que quizerem, que eu cá de mim para mim, vejo em tudo isto alguma praga de urubú.

— Não mata a cavallo, por Deos, o digo!

— Mate ou não mate, o que é certo é que sete horas vão e nem um naco de charque passou-nos pelo gasete. Chimarrão sem churrasco! E por cima ainda ordem de não sahir do arranchamento para carnear! insistia o lenhador.

— Nem caçar!

— Não de ver que lá o general ha de ter...

— Cala te, lingua de caramurú, atalhou o Manduca, não sabes o que dizes.

Um vulto, sahindo da sombra, fulminou-os.

— Camaradas, o general não tem maior razão que vocês, e em quanto elle corre o acompanhamento o lonqueais sem piedade. O que não quizer assim, monte no pingo e vá-se aos pagos, com os diabos!

O murmurador amergeu a cabeça, corrido e envergonhado do tremendo carão á queima-roupa. E como não tinha botões, disse aos alamares do poncho: Hépuxa! Se não fosse o general, outro homem não me fallaria assim com tanta soberbia. E amingou o cabo da adaga na cinta.

Ao atravessar Canabarro vira o vaqueano, e lembrando uma incumbencia para elle no dia seguinte, achegou-se para fallar-lhe. Ouvira então o que conversavam sobre elle proprio.

— Bem, João de Deos, outra vez o deixo aqui nos bamburraes; e voltando-se para Avençal:

— A que distancia estamos da estancia do finado Juca Capinchos?

O mancebo empallideceu e redarguiu com custo:

— Tres leguas.

— Amanhã você ao apontar as barras do dia irá vêr trianta cavallos e outras tantas rezes que precisamos.

— Eu?!

Era uma interjeição e uma interrogação d'um jacto, grito espontaneo arrancado do imo do peito, revelação luminosa que a rude energia moral do campeiro não ponde recalcar e soffrear no momento. A hypocrisia official das cidades é que sóe bronzear a face na manifestação dos sentimentos.

— Sim, tornou o general, retirando se, sem notar o effeito que produzira a ordem.

Avençal tinha o semblante livido.

— É impossivel, meu Deos! exclamou fóra de si. É impossivel! não irei... matem-me embora.

Os outros o contemplavam admirados. Viam n'ò fallar sobejamente, ainda que não comprehendessem o sentido da negativa.

O ambiente glacial d'aquella zona repercutio com um berro vibrante e formidavel. Era uma canguçu atrahida quem sabe pela fome ou pela illuminação da mata.

Elles entreolharam-se.

— Mã visita, patricios.

— Uma scentelha fugio dos olhos do vaqueano.

— Quem ousa mata-la? perguntou.

Ninguem lugio.

Até o negro lanceiro envolven-se mais cautelosamente em seu bichará de Mostardas.

Elle sorriu com o labio crispado de insania.

A proposito chegava com dois cães um caboclo de origem charrua, chamado vulgarmente : o Manoelzinho.

Sahira a tentar a caça.

— Eu iria, disse o indio, se a onça desse -nos ao menos um bom matambre.

— Irei só. Manoelzinho dá-me os caxorros.

— Só, não, acudiram todos. Vamos acompanhar-te.

— E a ordem do general?

— A fome é lei. Nós havemos de concluir sem pinotaços.

— Pois bem, prometto que, morta a onça, irei buscar bons assados.

Avençal palpou a face revezada na guaiaca, tirou-a da bainha e experimentou o fio na palma da mão. Guardando-a foi junto aos arreios e tomou as bolas de pedra retovaias do pelle de lagarto. Estirou os fieis e vio-os firmes. Para complemento dos preparos desentou o poncho e atou-o à cinta à guiza de cheripá.

Os outros armados de espingardas, pistollões e lanças, o seguiram.

O que é admiravel é que taes homens tinham queixas para tudo, menos para o tempo terrivel e ao qual pareciam sobranceiros. Fallavam de quaesquer outros incidentes, menos porém do frio intenso que cortava.

V.

Os Guayeanans.

Pallida e triste ergueu-se a lua.

Entraçharam-se na serra.

A fêra continuava a estrugir a restinga em pouca distancia.

Os cães que a farejaram, presentiram-n'a. Estava entre dois galhos que se bifurcavam no cimo d'um pé de angico. Seus olhos fulgiam no obnramento da floresta como dois carbunculos.

O sitio apresentava um raleiro de malto, tendo ao lado do angico

duas timbaúvas gêmeas, despojadas da folhagem pela bafagem do inverno.

Apenas descoberta, Manduca levou a arma ao hombro, o vaqueano abateu-a, observando :

— Não te pertence, o combate é só comigo.

E galgando uma das arvores fronteiras com a rapidez d'uma irara foi postar-se em face da alimaria cervical disposta a vender bem cara a vida.

Manduca sentiu calafrios correm-lhe os membros vendo o perigo em que se achava o companheiro, ergueu de novo a arma e machinalmente um tiro reboou. Mas a pontaria feita no meio da cabeça foi ferir uma orelha do animal por culpa do charrúa, que puzera a mão, gritando :

— Deixa o vaqueano, homem ! Elle sabe o que faz.

A onça soltou um rugido, uma medonha berraçada, diapazão de sanha, furia e vingança. Ia saltar sobre o grupo que já tomava a defensiva. Avençal arrimou o corpo a um galho a prumo, tendo os pés apoiados em dois outros borisontaes. Tinha a manica das bolas na mão direita e estas pousadas no peito do pé.

O animal firmava-se para formar o tranco. Ia devorar a distancia. Uma das bolas impellida pelo pé, sibilou como uma serpe, cruzou o ar como um corisco e bateu-lhe na paleta no momento de saltar. A fera raivou com a pata suspensa, vacillou, firmou-se nos jarretes que lhe ficavam intactos, endireitou para o moço, rompeu o espaço do angico para a timbaúva. Em meio, antes de attingil-o, foi n m turbilhão. A outra bola celere partiu, alcançou-a, fracassou-lhe as mandibulas, e ella cahiu no chão entre o grupo attonito dos outros soldados.

Avençal, sobraçando a arma fulminante, murmurou comsigo :

— Matei-a por defendel-os. Eu devia vir sôzinho.

Subito um vulto deslisou na penumbra. Parecia um reptil. Ergueu-se junto a canguçu, se debatendo em horriveis vascas e cravou-lhe uma faca no coração até o cabo.

O movimento foi tão presto que os aventureiros estatelaram. Quando sahiram d'esse estado, torpôr d'alma e dos sentidos, estavam presos. Um circulo de indios Guaycanans rodeavam-n'os.

— Amarrem, estrugio uma voz de stentor.

— Moysês ! exclamou o vaqueano.

— Quem me chama ?

— José, não te lembras ?

— Avençal ! disse, e em pouco os dois homens abraçavam-se com profunda emoção. Seus olhos marejavam copioso pranto. Os cora-

ções estreitados pulsavam com vehemencia. Não lhes foi possível articular mais uma palavra.

E' que os sentimentos energicos, quer de jubilo, quer de pezar, sonegam na larynge as prolações que poderiam traduzil-os,

VI.

Moysés.

Moysés era um mulato, cuja vida desde a infancia passara na caça.

Não havia na provincia mais perito e experimentado caçador. Raro era o mez que não fasia descer aos portos mais frequentados e commerciaes pelo menos dez pelles, ramo de negocio, que de sobejo satisfazia as suas necessidades.

Uma exigua e diminuta horda indigena, pallido resto da antiga nação guaycanan obedecia-o como a seus tradicionaes caciques, recebendo em retorno da submissão, além da amizade sincera e leal, immensos favores do mestiço. Tambem elle fazia consistir toda a felicidade e alegria de sua existencia n'aquelle mundo á parte que creara para si. Cazara ha quatro annos com uma das mais gentis indianas da tribu, e o novo laço mais reatára as relações que existiam.

Todo o poder de Moysés provinha menos do estrenuo valor e intelligencia superior que incutiam respeito aos indios, que da gratidão pelo amor e sympathia que sempre lhes tributava. Nem ha melhores penhores que os das dividas do coração.

Quando rebentára a revolução, procuraram attrahil-o de ambas as parcialidades : porém, convicto de que os brancos que o desprezariam em qualquer outra occasião, o chamavam agora por mero interesse ou para constituil-o ignobil instrumento de suas lutas, teve a coragem e sabedoria de repulsar os encantos magicos das promessas. Respondeu que era bastante rico nos matos para desejar maiores posses, e quanto ás ideias que se debatiam entre os dois partidos, lhe eram indifferentes ; porquanto a côr que trazia no rosto de per si afastava-o da communhão dos brancos, onde seria considerado com desprezo.

As derradeiras palavras aos mensageiros merecem ser rememoras :

— Liberdade ! ? Quem é mais livre de que Moysés aqui na serania ? onde não ha odio de raças ; onde o homem domina a terra, onde o amigo não mente ao amigo e a mulher não mente ao marido ? Não quero mais liberdade do que tenho.

Offereceis riquezas ? Quem é mais rico do que Moysés ? Vêde. Desde o sêrro ali dependurado até o fundo dos taimbês, isto me pertence. Pizo a pedra que traz o ouro e a atiro longe. E é isto que vindes offerecer-me ?

Parti. Adeos. O mulato vive bem nas brenhas.

Eis o stereotypo do novo personagem.

Seu caracterahi reproduz-se.

Quando as duas turmas toparam na selva e seguiu-se o reconhecimento de Avençal e Moysés, este bradou aos assecclas.

— Soltem os homens.

Feito isto voltou-se para o vaqueano, dominado por luridas e negras recordações.

— Então, José, pronunciou com carinho e expressão paternal, como depois de doze annos vim encontrar-te em minhas terras ?

— E' simples, Moysés, não viste os fôgos nas abas da serra ?

Vi e vinha para campeiar, quando um tiro dirigiu-me para aqui.

— Pois são as forças do general Canabarro; faço parte d'ellas como vaqueano.

— E o encontro aqui ?

— Não tivemos hoje ração de carne; convidei a meus companheiros para tentarmos a caça.

— De tigres ?

— Escuta, e em tom baixo proseguiu: O general ia mandar-me amanhã á estancia de José Capinchos. Sabes que me era impossivel, por isso ataquei a fêra com a firme tenção de deixar-me ferir. Nesse estado, outro iria. Devia vir sózinho.

— Caramba! E não pensaste em mim ?

— Eu não penso mais, Moysés, desde aquella noite . . . Oh ! não a lembro sem arrepiar-me as carnes. Desde então procuro a morte e a morte zomba de mim ! Pobre Rosita !

— Não tenhas cuidado, José, ella e o irmão ainda ficaram por cá dois annos; depois venderam campos e gadaria e ninguem mais fallou d'elles, nem soube noticias.

— Nem desconfiam para onde foram ?

— Não.

— Rosita deve amaldiçoar-me

— Qual ! rapaz. A doninha por ti era capaz de conchavar a alma com o demo.

O caçador, notando que o assumpto o mortificava, quiz distrahir-o.

— Vamos a meus pagos; distam d'aqui vinte quadras. Lá temos bons assados de veado, tatu, anta e o mais que queiram.

— Ainda bem, que desde hontem não temos uma rez para carnear, reflectiu Manduca.

— Com um tempo assim o gado retirou-se para o mato.

Pouco depois pozeram-se todos em marcha para a casa de Moysés.

Demorava a habitação do mulato n'uma clareira circular, impene-travel e occulta para qualquer outro que não fosse elle ou sua gente. O arvoredado naturalmente cingido de grossos e longos cipós e pampanó-sas trepadeiras, tinha recebido retoques artisticos.

Assim, uma cinta de bambús cerrava o ambito de tal modo que uma saracura ou galinhola com difficuldade romperia o ordume de folhas e espinhos. Em seguida a esta defensão que forrava o exterior, na parte interna via-se uma estacada de páo a pique, cujas extremidades chanfravam, formando perigosas puas.

Tambem a entrada não era por ali. D'um lado desatava-se um

cordão de rochedos alcantilados. Entre elles destacava uma larga fenda, consequencia d'um raio ou de abalo na crôsta do globo. Parecia sumir-se nas entranhas da terra ; mas quem penetrasse por ella depararia um conducto ou via subterranea de cinco a seis braças, terminando n'uma rua assoberbada pela penedia, que, de fóra erguida a pino, por dentro era accessivel e de facil subida.

Constituia uma trincheira natural e inexpugnavel pela qual se ia á clareira. Aqui desenrolava se a taba, não estritamente como a dos selvagens, aperfeiçoada pela influencia do mulato, marco milliarior entre a civilisação e a barbaria. As choças ou copés tinham janellas e portas e as ullimas de altura que não obrigava a abaixar-se para entrar, como acontece geralmente nas moradas do gentio.

Farroppilhas e indios entraram e momentos após refestelavam-se em torno d'um brazeiro, onde o cheiro de appetitosa carne prurialhes o olfacto prometendo em pouco dar que fazer ao paladar.

Enquanto não começava o brodio, foram desentanguindo-se com alguns borrachões de chifre cheios de aguardente de palmito.

O vaqueano era o unico que mostrava-se sombrio no meio da alegria geral.

VII.

Os Quero-queros.

Estamos a 22 de Julho.

Anoitecera.

A villa de Laguna, á margem oriental do lago do mesmo nome, destacava nas sombras com suas casas que resplendiam caiadas com cal de marisco. Era um lugar triste sob o céu estivo ; entre os nevoeiros hibernaes uma scena desoladora, uma perspectiva que estringia o coração.

Mal entardecia, o silencio reinava.

Os balidos do lago e os búfidos do oceano quasi á meia legua de distancia, perturbavam sómente a mudez, que scellava aquelle como moimento funerario branquejando no escuro da noite.

A' borda do lago na margem opposta resvalou uma canôa em direcção á villa.

Dois homens a tripulavam.

Talvez pescadores, diria quem os visse.

Abicaram á praia em horas mortas, átaram o barco á uma estaca e cautelosos começaram a subir uma coxilha que demora junto á povoação.

Mal haviam dado alguns passos, um bando de quero-queros levantaram o vôo, fazendo desmezurado alarido.

— Diacho ! Os maldictos vêm até aqui ! murmurou um d'elles em tom baixo, em que sentia-se a modulação tremula da colera reconcentrada.

O outro enfiou a olhar pela espessa escuridão e respondeu :

— O irmão não recêe, o passaro da campina vêla mais que o branco.

O branco dorme.

No entretanto, as aves pervigis dos vargedos patrios continuavam a despertar a solidão com o garrulo e ruidoso accento.

Os dois vultos deitaram-se por terra, por precaução.

E' admiravel o papel que representaram na revolução os quero-queros.

Eram bombeiros que ambos os partidos tiveram sempre a seu serviço.

Os gansos, um dia salvaram Roma de cahir no poder dos Gaulizes ; elles muitas e muitas vezes fizeram abortar ciladas e surpresas bem combinadas e amadurecidas.

Quantos que ainda subsistem d'aquelle cataclysmo politico, não recordam-se agradecidos dos amigos volateis que lhes salvaram a vida de traiçoeira emboscada, em que de certo pereceriam ?

Quantos não lhe votam ainda hoje uma especie de culto, como o romeiro arabe ao katá do deserto !

Quantos ?

Porto Alegre sitiada, raro era o dia em que na varzea, e caminhos do Meio, da Azenha e outros não houvesse sanguinarios tiroteios e correrias.

De parte a parte inventavam meios de destruição. As guerrilhas não cessavam. Os assaltos noturnos e de surpresa protegidos pelo arvoredo dos arredores eram diarios.

Tambem ali velavam os passaros das campinas do Sul, como sentinellas incansaveis de ambos os campos adversos, vedetas incomparaveis que nunca conciliavam o somno.

Eram elles que davam sempre o signal de alarma, que frustavam os ardis, onde o sangue espadanaria em tufos, e mais algumas victimas seriam o triumpho da empreza.

Os dois homens, quando viram que tudo permanecia no mesmo estado, continuaram em sua incursão.

N'um sobrado nas immediações da igreja de Santo Antãoio dos Anjos por uma vidraça derramava-se abundante luz.

O que primeiro ouvimos, disse :

— Quem está tão tranquillamente, não se teme de perigos : Esta gente não teve aviso.

— Irmão, a macega está socegada e occulta a jararaca, e a jararaca traz a morte no dente.

— Vou pedir pouzada na casa em que vemos luz. Tomarei informações. Antes de amanhecer virei dizer-te o que ha para partires.

Se te acontecer alguma coisa, faz-me ouvir o grito da gaivota.

E dito isto partiu.

Trez vezes agitou a aldrava de uma porta de rotulas, antes que viessem abrir-lhe. Uma negra appareceu afinal e ouvindo-o pedido de pouso, retirou-se, mandando-o esperar. A demora foi curta, voltou logo para fazel-o entrar.

VIII.

Conhecidos.

O passageiro penetrou na sala.

Trez exclamações rebentaram a um tempo, em côro.

— André ! Rosita !

— Moysés !

André Capinchos e sua irmã rodearam o mulato, cuja epiderme de bronze empallidecera á ficar fula. O destemido caçador tremia, tremia.... De que ?

Tinha medo, elle que só arreceiava-se do braço de Deos, elle, cujo punho robusto macerava os musculos das garras da onça ? cuja clavina não errava um tiro, cuja faca não falhava um pontaco ? Elle cuja grandeza o fizera o idolo d'uma tribu ?

Não seria funda emoção ?

Era tudo simultaneamente.

Travemos agora conhecimento com os novos personagens.

A familia Capinchos compunha-se n'essa época de duas pessoas : André e Rosa, irmãos.

O primeiro tinha uma bella physionomia velada em melancolico descôr, que denunciava uma mocidade abalada por fortes commoções moraes. Quando a alma sangra, as rosas dos annos juvenis desbotam ; o viço vai-se, resta a pallidez da angustia entre os espinhos que pungem.

Então contava trinta e dois annos.

Rosita era uma mimosa creação rio-grandense, o typo seductor da serrana ; linda hortencia, como a que desabrocham nas suas florestas natalicias, figura radiante que demonstrava no moreno do semblante a alliança de duas raças, a communhão do sangue americano e europen.

Os olhos negros, humidos de volupia eram como dois guabexús nos rocios da madrugada, refulgindo ao primeiro raio do sol ; diziam tanto amor, tanta saudade que mais não !

A's vezes, dir-se-ia, vendo d'entre os cilios velutados fugir rubea scintella, que uma tempestade rugia em seu coração. Então o rubor que lhe purpureava a face, esvaecia em tenue vapor e o corpo, de contôrnos d'uma estatua hellena, sentia como passar-lhe o fluido da morte.

O que era ?

Deos e ella o sabiam, e quem sabe se ninguem ! ha tanto mysterio e incoherencia n'uma compleição feminil, que mais vale attingir as raias do infinito, contar as areias do fundo do oceano que profundar-lhe os pensamentos.

Ha doze annos, depois que perdera o pai, se um sorrizo vinha engastar em seu labio morbido, distendia as petalas da melancolia. Parecia trazer lagrimas de immenso infortunio.

Choraria de constante aquella moça ?

O que significavam as lividas olheiras, mergulhando em sombras os lindos olhos ?

Ha arcanos n'um quarto de virgem que nenhum profano ousará jámais devassar.

Talvez chorasse por noites em que a imagem d'uma saudade se reclinasse no seio tumido de suspiros, quando em êrmas insomnias uma visão deslumbrante lhe passasse pela mente, como uma estrella á face do céu, como uma pluma de colhereiro á flor do lago; talvez chorasse um passado que foi e não ha de voltar.

Nós, os homens, naturezas graníticas, quantas vezes não folheamos o livro da flórida sazão da existencia, enviando lhe um threno saudoso, saturado de pranto que embarga a voz e faz-nos descreer do futuro? Ha momentos que o passado resume todas as venturas da vida; porque o presente é uma agonia, o futuro um mauzoléo. Então elle vale mais que uma esperanza, é uma recordação agridóce, soberba flôr do cacto entre os acúleos, sentimento que só o labio luzo derrama n'esta harmonia : Saudade! Saudade!

Porque Rosita na vigesima-setima primavera não terá tambem uma historia — compendio do sorriso que se entrelaça á lagrima? Ilha de delicias n'um mar de procellas?

O coração d'uma moça, desde que attinge a nubilidade, enceta um romance, ás vezes rico em episodios, raras, quasi excepcionalmente pobre de sentimento.

IREMA.

(Continúa)

POESIAS.

A CASA D'ELLA.

A casa em que ella môra se avista na deveza
Coberta pelos ramos do còlmo protector ;
Só tem esse atractivo, só tem essa belleza
Que sóe ter a morada de um anjo todo amor.

A casa em que ella môra é pobre; mas tão bella,
Tão cheia de attractivos, de tanta placidez !
Singelas trepadeiras enfeitam-lhe a janella,
Perfumes das campinas lhe vêm beijar a tez. . .

Quando ella se debruça com toda a *morbidezza*
Da bella janellinha no tosco peitoril,
As flores das campinas proclamam-na princeza,
Eu baixo só murmuro: meu Deus, quanto é gentil !

A casa em que ella môra tem dous degrãos na porta
Que, velha e carcomida, mal pôde se suster ,
Tem flores na janella que se abre para a borta,
Tem uma alcovasinha... que eu não me atrevo a ver.

E' linda a casa d'ella ! Com toda essa pobreza
E' vaso em que se nutre a mais mimosa flor ;
Assim é pobre a concha do mar na profundeza
Que guarda no seu seio a per'la de valor.

A casa em que ella mora—modesto relicario—
Occulta e guarda e zeta o mais fino rubim ;
Jámais homem algum entrou no santuario
Que a todos é defeso... meu Deus ! até a mim !

Se ella a quem eu amo me amasse acaso um dia
Com esse amor immenso que só do céu nos vem,
A casa em que ella môra jámais eu trocaria
Por esse mil prazeres que dizem ter o Eden.

A' MINHA MÃE.

« Cretura de Deos, oh! mãe saudosa,
 « No silencio da noite e no retiro,
 « A' ti, vòs minh'alma esperançosa,
 « E do pallido peito o meu suspiro! »

A. DE AZEVEDO.— Lyra dos vinte annos.

E's tu, alma divina, a quem o bardo,
 Deve mais do que a luz e a f'licidade!
 E's tu, essa mulher que elle adorára
 Inspirado por Deus na prima idade!

E's tu, sim; foi a ti, que a vez primeira,
 Inda flebeis do berço ergueu os braços,
 E co'os risos do infante apenas nado
 Apagou-te da dôr os fundos traços.

E's tu, sim, a mulher sublime e meiga,
 Que o aqueceste n'essas noites longas.
 Em que o rijo pampeiro rebramindo
 Semelha agudos gritos d'arapongas.

Foste tu, que mudando o sangue em leite,
 Lhe dêste no teu seio o nutrimento!
 Que lhe enchugaste as lagrimas com beijos,
 Sem d'elle te apartar um só momento!

E mais tarde, volvendo-se a ampulheta
 Fatal, que marca o perpassar dos dias,
 Foste tu quem guiou-lhe o passo tremulo,
 Fida socia das suas alegrias!

Depois ainda se volveram annos...
 O infante homem tornára-se e a natura
 Lhe impôz o seu tributo— a enfermidade—
 Dando-te a provação na desventura!

Sobre o seu leito o anjo dos sepulchros
 Adejando, sorrindo-se o chamava;
 Na cabeceira o medico sollicito,
 E mais junto eras tu,— tu, quem chorava!

E pode mais o amôr do que a sciencia,
Porque Deus, de tuas lagrimas pungido,
Disse ao anjo de vestes de neblina :
« Não lhe roubes o filho estremecido. »

.....

Mais que isto, que o ser, o bardo deve-te
A luz que o seu espirito illumina,
Acendida por ti, qu'inda a alimentas,
Como o presbytero a lampada divina.

.....

A' ti, pois oh ! mulher sublime e santa !
A' ti, consagro os meus primeiros cantos :
Recebe-os, minha mãe,—se valem pouco
Dá-lhes tu o valor—unge-os de prantos.

Porto Alegre— Maio de 1872.

MUCIO TEIXEIRA.

AMOR E SEGREDO.

Que luta! amar-te em silencio,
Sentir febril em delirio
Do coração no martyrio
Os ardores da paixão;
Ver-te candida sorrindo
Da mocidade nas flores,
Respirar os teus candores
E amar-te na solidão!

Sentir meigos teus olhares
Vibrando n'alma langores
Da pureza nos fulgores
Incendendo o coração;
Em doce enlevo mirar-te,
Ouvir-te insontes as fallas
No perfume que trescallas
E amar-te na solidão!

E da insanía nos delirios
Verter da saudade o pranto,
Sonhar o teu amor santo
No silencio da amplidão,
E do porvir nos arcanos
Erguer á luz da esperança
Um mundo só de bonança,
E amar-te na solidão!

Amanhã gelida a fronte
Das lutas na desventura
Quem sabe na sepultura
Não sonharei mais em vão!
Tive fadario affanoso
De sentir no peito a crença
Ingente, febril, immensa,
E amar-te na solidão!

Mas hoje que o seio pulsa,
E a mocidade palpita
Como a lava que crepita
Na cratera do volcão,
Não posso, não, esquecer-te
Heide na sombra adorar-te,
Nas minhas noites sonhar-te,
E amar-te na solidão!

Se nunca ouviste dos labios
Nenhuma phrase de amor
Ah! perdoa... ao sonhador
Talvez dicesse que não;
Tive medo de fallar-te,
E' tão triste o desengano,
Prefiro lutar insano
E amar-te na solidão!

APFONSO MARQUES.

DESESPERANÇA.

Quando o sol vai descambando
Doirando os valles e o mar,
Quando o orvalho vai tombando
Sobre as folhas a brilhar,
Quando vai já se apagando
A paisagem do lugar,
Eu pergunto suspirando:
« Pois sou eu só a chorar?!... »

Quando o canto do campeiro
Vai dizendo sempre — Amor!—
Quando o ativo pinheiro
Da tempestade ao fragor,
Se debruça no ribeiro
Qual a tenra debil flôr,
Eu pergunto ao mundo inteiro:
« Pois só eu vivo de dôr?!... »

Quando a estrella vespertina
Vai brilhar no céu de anil,
E apoz a peregrina
Morrem as outros á mil,
Quando a flôr da tangerina
Desabroxa no alcantil,
Pergunto á luz matutina:
« Morreu meu sonho infantil?!... »

Quando no verde coqueiro
O pyrilampo brilhou,
E nos fogos do tropeiro
O riso franco echôou,
Quando a flôr do pecegueiro,
Ao vento sul desfolhou,
Eu perguntei ao pampeiro:
« A minha luz se apagou?!... »

Foi então que amargo pranto
Deslisou no rosto meu,
E vellou-me como um manto
O olhar fito no céu!
E depois em dôce canto
Que a desgraça entristeceu,
Ouvi transida de espanto:
« Tua esperança morreu!... »

CHRONICA.

Se tivéssemos debaixo da epigraphe — CHRONICA — de traçar algumas linhas sobre o estado actual da nossa politica, sem duvida vasto campo encontraríamos para discorrer em semelhante assumpto, aliás muito importante ; porém ver-nos-hiamos forçados a deter-mos ante um energico protesto do nosso folheto que nos faria recuar.

Não é pois de nossa competencia escrevermos uma chronica politica, ainda mesmo na época que atravessamos em que o espirito popular só d'isso occupa-se ; em que as discussões que se provocam em todos os lugares e em todas as classes da sociedade, tendem unicamente a tratar ou do pleito eleitoral que acaba de ter lugar, ou do esperado rompimento com os nossos visinhos do Prata. E enquanto todos se occupam d'essa *velha celibataria*, á excepção do Parthenon Litterario, ninguem lembra-se da sua irmã e companheira a— litteratura.

Assim é o povo ; mastiga o pão sem procurar saber quem o amassou.

Julgamos irmãs a politica e a litteratura ; temos visto sempre ao lado uma da outra operarem suas revoluções, e juntas marcharem para o progresso ; sua outra irmã, a religião, é mais morosa, por isso mesmo que as revoluções d'esta effectuam-se com mais longos intervallos e maior difficuldade devidas não só á tendencia que tem o espirito do povo inculto para a superstição, como ao desprezo em que elle lança a litteratura, coisa que elle julga inutil ao ser humano, trata da politica sem lhe conhecer os fins e encara a religião como um hediondo phantasma.

Mão grado porém a todas essas difficuldades, serão as tres irmãs que como fachos esplendidos em noites tempestuosas, conduzirão o genero humano ao estado desejado da perfectibilidade.

Assim, essa base fundamental da grandeza dos povos, que tanto adoça os costumes e eleva a humanidade ácima de todos os outros viventes, passa entre nós como uma fraca luz : um ou outro livrinho que surge de tempos a tempos e fica esquecido no pó das prateleiras, a imprensa diaria e o theatro, eis o que temos de litteratura a não ser a *Revista do Parthenon*, que todos os mezes lá corre pelas estereis e desertas estradas bradando :

Luz ! quem quer luz ? Quem tem sede ?

O theatro mesmo, essa fonte ao alcance de todos, esse incentivo que desperta o desejo de saber áquelle que encára o livro como artigo inutil e prejudicial ao estomago, vive quasi adormecido, sem animação.

Os ultimos dramas que têm sido exhibidos pela — Companhia Ismenia — são já muito conhecidos pelo publico, excepto *Os Piratas da Savana* que pela primeira vez subio á scena n'este mez.

Mais apparatuso que litterario não encontramos nelle avultado merecimento, comquanto tenha tido boa aceitação da parte de nossa platéa, sempre amante mais dos enredos e movimentos scenicos do que do trabalho intellectual.

A arte dramatica que depois da fundação da escola romantica tão vastos horisontes desvendou aos olhos da humanidade, já vai cansando seus rões ; especialmente nestes ultimos annos como que um entor-

pecimento paralysa seus movimentos, sugeitando-a em um só ponto. As producções que apparecem esvoaçam na mesma esphera, como se a intelligencia humana já estivesse esgotada ou encerrada em um circulo de ferro.

A comedia então sendo de mais difficil trabalho, não só pelo jogo de espirito que deve encerrar, como pelos fins com que é aceita e deve ser apresentada, permanece, ou antes, podemos dizei-o : jaz quasi abafada por uma multidão de palhaçadas, que com mais razão poderiamos intitular— *Cousas de fazer rir*.

Parece impossivel que na orbita tão vasta dos conhecimentos do homem, Moliere absorvesse todo um porvir inteiro ! A revolução mesmo que deveria dar-lhe novo impulso, parece tel-a abafado ainda mais.

Os vaudevilles, entre-actos e zarzuelas vieram quasi que substituí-a, e se quizeram de novo os operarios das letras erguel-a do pó do despreso em que havia sido lançada, que lutas, quantos vãos esforços para tão pouco !

Com pretensões a fóros de comedia, apparece grande quantidade de entremezes e scenas-comicas— histriões que em vez de mostrar nossos costumes e defeitos, apenas nos fazem rir com suas momices.

Victorien Sardou é quem nos tem ultimamente mandado trabalhos nesse genero de subido merito ; com especialidade a comedia— *Os Intimos* merece muita attenção e será sempre applaudida nos nossos theatros.

Das comedias nacionaes uma ou outra surge com direitos a esse titulo, mas quasi todas as outras em turbilhão com o — *Phantasma Branco* e a *Torre em concurso* do Dr. Macedo, não nos convidam a um estudo serio.

Mais um novo drama rio-grandense vai apparecer no theatro d'esta capital. O Parthenon ensaia hoje com a Sr.^a Ismenia e outras damas de sua empreza, que cavalheiramente prestam-se a trabalhar, o drama *Aurelia*, do nosso amigo e consocio o Sr. Hilario Ribeiro.

Julgamos tambem que juntamente com o drama subirá á scena a comedia— *O Cidadão General*, versão do allemão para o portuguez, pelo Sr. Christiano Kraemer. Os actores que ensaiam são alguns moços escolhidos entre os membros do Parthenon, que para esse fim possuem mais aptidão.

Ao publico os recommendamos, visto que a maior parte d'elles fazem sua estreia.

O busto que hoje acompanha a *Revista* é o d'aquelle jovem cujo fallecimento ha tão poucos dias cobriu de luto o Parthenon, e consternou a cidade de Porto-Alegre.

Eil-o, apparece ainda com a fronte magestosa e o olhar radiante de luz, como outr'ora na arena da discussão junto á sua cadeira de primeiro orador, agora coberta de crepe ! No dia 10 de Setembro, 30º de seu passamento, nas sallas da associação terá lugar uma sessão funebre em honra do mesmo finado.

O trabalho lithographico faz honra ao artista Brüggemann, que o executou.